Primeira. — Não sei. Não sei como se é da vida... Ah, como vós estaes parada!
E os vossos olhos tão tristes, parece que o estão inutilmente.. .
Segunda. — Não vale a pena estar triste de outra maneira... Não desejaes que no calemos? E' tão extranho estar a viver.. . Tudo o que acontece é inacreditável, tanto n ilha do marinheiro como neste mundo... Vede, o céu é j á verde .. O horizonte sorri ouro. .. Sinto que me ardem os olhos, de eu ter pensado em chorar. ..
Primeira. — Chorastes, com effeito, minha irmã.
Segunda. — Talvez... Não importa. .. Que frio ó este ?.. . O que ó isto ?.. . Ah, é agora. . . é agora. . - Dizei-me isto. . . Dizei-m.6 um a cousa ainda. . . Porque não será a única cousa real nisto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto aqui apenas um sonho d'elle?. Primeira. — Não falíeis mais, não falíeis mais... Isso é tão extranho que deve ser verdade... Não continueis... O que ieis dizer não sei o que é, mas deve ser de mai para a alma o poder ouvir. .. Tenho medo do que não chegastes a dizer. . . Vede, vede 6 dia já.. . Vede o dia. . . Fazei tudo para reparardes só no dia, no dia real, alli fóra.. Yêde-o, vêde-o... Elle consola. .. Não penseis, não olheis para o que pensaes. . Vêde- a vir, o dia... Elle brilha como ouro num a terra de prata. As leves nuvens arredon-dam-se á medida que se coloram. . . Se nada existisse, minhas irmãs?. . . Se tudo foss de qualquer modo, absolutamente cousa nenhuma?. . . Porque olhastes assim?. . .

(Não lhe respondem. E ninguém olhara de nenhuma maneira.)

A mesma. — Que foi isso que dissestes e qu>e me apavorou?... Senti-o tanto aue mal vi o que era... Dizei me o que foi, para que eu, ouvindo-o segunda vez, j á não tenha tanto medo como d'antes.. . Não, não. . . Não digaes nada. . . Não vos pergunt isto par a que me respondaes, mas para fallar apenas, para me não deixar pensar. Tenho medo de me poder lembrar do que foi. . . Mas foi qualquer cousa de grande e pavoroso como o haver Deus. . . Deviamos j á ter acabado de fallar. . . 11a tempo j á qu a nossa conversa perdeu o sentido . . O que ha entre nós que nos faz fallar prolonga-s demasiadamente.. . Ila mais presenças aqui do que as nossas almas. .. O dia devia t já raiado. . . Deviam j á ter acordado.. . Tard a qualquer cousa. . . Tard a tudo. . . O que

é que se está dando nas cousas de acordo com o nosso horror?... Ah, não me abandneis... Fallae commigo, fallae commigo... Fallae ao mesmo tempo do que eu para nã
deixardes sosinha a minha voz... Tenho menos medo á minha voz do que á idóa d minha voz, dentro de mim, se for reparar que estou falando. . .
Terceira. — Que voz é essa com que fallaes?.. . E' de outra. . A"em de uma espécie
d e longe...
Primeira. — Não sei. . . Não me lembreis isso. . . Fu devia estar fallando com a voz aguda e tremida de medo. . Mas j á não sei como ó que se falia. . . Entr e mim e a minh voz abriu-se um abysmo... Tudo isto, toda esta conversa, e esta noite, e este medo — tudo isto devia ter acabado, devia ter acabado de repente, depois do horror que no dissestes. . . Começo a sentir que o esqueço, a isso que dissestes, e que me fez pensar eu devia gritar de uma maneira nova para exprimir um horror de aquelles. . .
Terceira. — (para a Segunda) -rMi&b& irmã, não nos devieis ter contado essa historia. Agora extranho-me viva com mais horror. Contáveis e eu tanto me distrahia que ouvia o sentido das vossas palavras e o seu som separadamente. E parecia-me que vós, e a vo voz e o sentido do que dizieis eram trez entes differentes, como trez creaturas que falia e andam.
Segunda. — São realmente trez entes diferentes, com vida própria e real. Deus talve saiba porquê. . . Ah, mas porque é que falíamos ? Quem é que nos faz continuar fallando Porque fallo eu sem querer fallar? Porque ó que j á não reparamos que é dia?. . . Primeira. — Quem pudesse gritar para despertarmos i Estou a ouvir-me a gritar den-
tro de mim, mas j á não sei o caminho da minha vontade para a minha garganta1

Sint
um a necessidade feroz de ter medo de que alguém possa agora bater áquella porta. Porq não bate alguém á porta ? Seria impossível e eu tenho necessidade de ter medo d'isso, saber de que ó que tenho medo. . . Que extranha que me sinto !. . . Parece-me já não a minha voz. . . Part e de mim adormeceu e ficou a ver. . . o meu pavor cresceu mas eu